



A INVENÇÃO DO HUMANO: ENTRE O BIOLÓGICO E O BIOGRÁFICO¹

Edson Ferreira da Costa

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

edsonferreiradacosta@gmail.com

Resumo

Neste artigo nos propomos apresentar a concepção antropológica de José Ortega y Gasset a partir do seu escrito *Meditaciones de la técnica* (1933), tendo como objetivo esclarecer como ocorre a passagem do biológico para o biográfico. Na obra base, o filósofo faz um resgate do surgimento da técnica destacando a realidade subjetiva que pressupõe o agir humano sobre a natureza. Consideramos tal discussão como fundamental para compreendermos os limites do orgânico frente às necessidades subjetivas que marcam as escolhas e a ação humana. O que realizamos ao longo de toda a argumentação do texto é uma defesa de uma concepção de vida humana que se justifica em uma ontologia do sendo, a qual possibilita ao homem agir de forma projetiva pela capacidade de ir além do que está posto biologicamente, criando novas formas de vida.

Palavras-chave: Vida humana. Biologia. Biografia.

Resumen

En este artículo nos proponemos presentar la concepción antropológica de José Ortega y Gasset a partir de su escrito *Meditaciones de la Técnica* (1933), con el objetivo de esclarecer cómo se da la transición de lo biológico a lo biográfico. En la obra de base, el filósofo hace un rescate de la emergencia de la técnica, destacando la realidad subjetiva que presupone la acción humana sobre la naturaleza. Consideramos esta discusión como fundamental para comprender los límites de lo orgánico frente a las necesidades subjetivas que marcan las elecciones y acciones humanas. Lo que hacemos a lo largo de la argumentación del texto es una defensa de una concepción de la vida humana que se justifica en una ontología del ser que permite al hombre actuar de forma proyectiva por la capacidad de ir más allá de lo biológicamente expresado, creando nuevas formas. de vida.

Palabras Clave: Vida humana. Biología. Biografía.

¹ Desenvolvemos e aprofundamos aqui alguns pontos abordados em: Costa (2010).

1 Introdução

No presente texto, propomo-nos a fazer uma discussão em torno da concepção de vida humana na obra *Meditaciones de la técnica* (1933)², do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. A escolha se justifica pela relevância do tema para discutirmos questões ontológicas e antropológicas a partir de um viés biográfico. Apontamos como critério de escolha da obra a relação entre vida e técnica para possibilitar o esclarecimento da passagem do biológico para o biográfico presente na ação humana.

Pensar a vida em uma perspectiva biológica pressupõe entender que há prevalência da natureza sobre uma determinada forma de vida, que acontece em meio a uma organização natural que não cabe a liberdade de ser. É entender que, na natureza, os seres seguem um fluxo de determinações físicas que condicionam e imprimem suas formas de vida.

Ortega nos convida a fazermos um trajeto genealógico da ação humana nos pondo em contato com o tema da técnica e da vida como projeto. O texto escolhido para nortear essa argumentação faz uma abordagem de como se organiza a vida humana e em que esta se diferencia das demais formas de vida. Quando pensamos a vida a partir de uma lógica natural, não conseguimos encontrar justificativas que sustentem a forma de ser dos indivíduos. Há uma dimensão que escapa a toda dinâmica orgânica possível de ser observada nos demais seres vivos. Além do mundo que está dado materialmente, existe um movimento

2 O texto resulta de um curso ministrado na inauguração da *Universidad Verano* de Santander, em 1933, tendo sido publicado no periódico *La Nación*, em Buenos Aires, em 1939.

subjetivo que resulta em uma atuação do homem sobre o mundo das coisas, sobrepondo-se ao natural: ao contrário de atuar para se adaptar ao que se apresenta como desafio à sua vida, ele reage atuando para modificar o mundo em razão das suas escolhas.

Em vista de melhor esclarecer como acontece esta passagem do biológico para o biográfico, apresentamos nos tópicos abaixo os principais argumentos que sustentam o argumento da vida como criação originária de um sujeito individual e circunstanciado, isto porque o conceito de vida humana em Ortega pressupõe um sujeito livre para realizar suas escolhas frente a um universo objetivo, que facilita ou dificulta a sua existência.

2 O humano frente ao natural

O acontecimento originário da vida dar-se-á por meio do biológico, o que é comum a todo ser vivo. No caso do humano, cada indivíduo porta um corpo que o limita fisicamente a um espaço geográfico. Através do corpo, situamo-nos no mundo e nos colocamos diante de uma série de acontecimentos que são vividos a partir do lugar em que nos encontramos. No processo de compreender quem somos, não é suficiente considerar o corpo como fundamental para termos consciência do lugar que ocupamos no mundo. Faz-se necessário entender que a vida de cada um não está limitada ao orgânico, uma vez que, através dele,

passamos a vivenciar muitos outros acontecimentos que vão além de uma determinação natural.

Quando respondemos à questão fundamental, “o que é a nossa vida?”, identificamos o lugar que o biológico ocupa em nossa história pessoal. A resposta parece não encontrar sustentação nos fenômenos biológicos, porque por eles não conseguimos justificar de um todo a história de vida das pessoas. Se assim o fosse, as respostas a todas as indagações humanas estariam no próprio movimento natural dos corpos, limitados e condicionados às leis físicas internas e externas.

Porém, não podemos desconsiderar que a natureza antecipa o humano através do acontecimento originário da vida. Primeiro, nascemos; depois, humanizamos-nos. Por tal razão, a antropologia orteguiana sustenta a ideia de um tornar-se humano. Certamente, não é objetivo do filósofo desconsiderar a dimensão objetiva da natureza na vida humana, mas identificar os argumentos vitais que sustentam uma definição coerente da vida individual.

Ortega propõe um caminho explicativo que está muito aproximado do que ele anunciara em seu primeiro livro *Meditaciones del Quijote* (1914). Compreender o humano implica considerar o aspecto relacional da individualidade com tudo que o cerca, ou do mundo interior com o exterior, do eu com a circunstância.

Circunstância para o filósofo é tudo o que se apresenta ao homem no seu cenário de vida, e que, de alguma forma, ele precisa contar para viver. Resgatando uma explicação antropológica, Ortega vai considerar a natureza como ne-

gativa à existência humana, por não ser a vida exclusivamente um acontecimento natural. Falta ao homem uma identificação com o seu mundo objetivo, e isso faz com que, por muitas vezes, a natureza se apresente a ele como contrária a toda uma construção subjetiva que escapa à sua dimensão orgânica.

O que o homem identifica como natureza, na perspectiva de Ortega, não pode ser definido como humano, por não sustentar sua forma de atuar no mundo. Para o homem, “su vida no coincide, por lo menos totalmente, con el perfil de sus necesidades orgánicas” (ORTEGA Y GASSET, 1965, p. 19). Bem diferente do que podemos perceber nos animais, os quais ficam condicionados às determinações biológicas, e viver consiste em reproduzir um sistema de leis naturais necessárias. Segundo Ortega (1965), vida no sentido zoológico significa tudo que deve ser feito para permanecer na natureza.

Isso significa viver de acordo com o mundo das necessidades, estando refém de toda uma exterioridade que atua diretamente nas particularidades de cada ser vivo. A vida de um ser assim se confunde com a sua própria circunstância. Para Ortega (1965), o animal vive em função do seu entorno, sendo incapaz de pensar em si, ou de se reconhecer distinto do mundo em que vive. A vida animal é uma vida imersa na natureza e reduzida ao biológico. Assim, quanto mais próximo da natureza, mais atento ao exterior.

Quando nos referimos à natureza, entendemos ser ela uma grande coisa composta de outras menores (ORTEGA Y GASSET, 2008). Significa dizer que tal coisa é dotada de uma estrutura fixa e que somente sofre mudança a partir da sua consistência original. Isso implica considerar que o ser por si mesmo é inca-

paz de provocar qualquer mudança, desprovido de autonomia e liberdade. Ortega vai definir como sendo uma coisa “todo aquello cuyo modo de ser consiste en ser lo que ya es y en el cual, por lo tanto, coincide, desde luego, su potencialidad con su realidad – lo que puede ser con lo que, en efecto, es ya” (ORTEGA Y GASSET, 1965, p. 42).

No mundo humano, a dimensão corporal seria essa coisa (orgânica) que marca a história de vida dos indivíduos, e que impõe uma série de determinações e limitações biológicas no campo da necessidade. Mas o fato de o homem portar um corpo biológico não condiciona sua vida a ser um acontecimento natural, isto porque o homem não tem natureza. Contrário a qualquer perspectiva naturalista da vida humana, Ortega afirma que “el hombre no es cosa ninguna, sino drama – su vida, un puro y universal acontecimiento que acontece a cada cual y en que cada cual no es, a su vez sino acontecimiento” (ORTEGA Y GASSET, 2008, p. 37).

Por tal razão, Ortega (1965) compara o homem a um *centauro ontológico*: parte da sua vida está na natureza, e parte a transcende. Não podemos negar que a dimensão natural compõe a vida de cada um, mas também não podemos afirmar que este argumento justifica a história de vida dos indivíduos.

3 O humano frente a si mesmo

A compreensão de que há outra dimensão da vida para o homem encontra sua legitimação fora da natureza por ser uma dimensão *sobrenatural* do hu-

mano. O homem é o único ser vivo que consegue criar para si uma realidade que se sobrepõe a toda lógica natural de condicionamento. Ortega identifica essa dimensão humana pela capacidade do homem de criar mundos subjetivos e objetivos através do *ensimesmamento*. Voltar-se para si é um movimento reflexivo que não anula a relação do homem com o mundo. Entendemos ser esse o espaço criativo da vida, que parte do reconhecimento da individualidade e da autonomia frente a um mundo que se impõe. Ortega, em vista de evitar qualquer relação idealista da subjetividade humana, seja como racionalidade pura, seja como consciência, prefere fazer uso de uma expressão que aponta para uma relação do indivíduo com ele mesmo frente a dinâmica do viver.

Ensimesmar-se pressupõe um ser capaz de reconhecer em si uma interioridade que o possibilita libertar-se transitoriamente das coisas para criar mundos subjetivos e objetivos. O que estamos a falar aqui é de uma subjetividade consciente da sua liberdade de ser, e, ao mesmo tempo, relacionada ao mundo em que se encontra. Significa dizer que a interioridade humana comporta uma razão que atua a partir de vivências vitais, possibilitando ao indivíduo afastar-se por instantes de tudo que é exterior a si, elaborando ideias sobre o mundo e produzindo novas formas de vida.

O *ensimesmamento* parece ser a categoria central para a compreensão do conceito de vida humana em Ortega. Se pensamos a vida a partir do animal, chegamos à conclusão de que esse ser vivo não vive desde si mesmo, ou seja, o mundo do animal se confunde com o mundo circunstancial. Isso ocorre porque

sua vida é desprovida de uma subjetividade que o possibilite se reconhecer e se pensar fora do mundo em que se encontra. Diferentemente, o homem pode

[...] entrar y descansar en sí mismo, es porque con su esfuerzo, su trabajo y sus ideas ha logrado reobrar sobre las cosas, transformarlas y crear en su derredor un margen de seguridad siempre limitado, pero siempre o casi siempre en aumento. Esta creación específicamente humana es la técnica. Gracias a ella, y en la medida de su progreso, el hombre puede ensimesmarse (ORTEGA Y GASSET, 2010, p. 27-8).

Neste caso, a compreensão de subjetividade no pensamento orteguiano tem uma marca fundamentalmente pragmática, no sentido de que é por meio desta capacidade imaginativa que o homem tem a possibilidade de escapar da escala natural, assumindo um protagonismo vital que é próprio e característico do humano ao sobrepor-se ao que está posto circunstancialmente. Sendo assim, diferentemente do animal, a ação humana não consiste em atender a necessidades estritamente objetivas, mas agir corresponde a

[...] actuar sobre el contorno de las cosas materiales o de los otros hombres conforme a un plan preconcebido en una previa contemplación o pensamiento. No hay, pues, acción auténtica si no hay pensamiento, y no hay auténtico pensamiento, si éste no va debidamente referido a la acción, y virilizado por su relación con ésta (ORTEGA Y GASSET, 2010, p. 36).

Associada à ideia de ensimesmamento está a ideia da vida como *ação*. Viver pressupõe uma atuação do indivíduo sobre o que dificulta o seu existir. Agir é resultado da busca de superar a dramaticidade de ter que viver atuando sobre si e sobre o mundo, isso porque a vida “não está aí, não é uma coisa, mas

tenho eu agora de inventá-la, construí-la num esquema intelectual, em suma, numa crença sobre ela” (ORTEGA Y GASSET, 1982, p. 95).

A relação do homem com a natureza é de reação a todas as limitações que são impostas ao seu viver. A ação humana é marcada originariamente pelo desejo de continuar vivendo. Porém, viver para o homem não significa somente satisfazer as suas necessidades orgânicas. Ortega associa o surgimento da técnica à necessidade humana de sobrepor-se às determinações circunstanciais, transformando o mundo de acordo com um projeto de existência. Sendo assim, a técnica “es la reforma de la naturaleza, de esa naturaleza que nos hace necesitados y menesterosos, reforma en sentido tal que las necesidades quedan a ser posible, anuladas por dejar de ser problema su satisfacción” (ORTEGA Y GASSET, 1965, p. 22).

Com isso, parece-nos ser a técnica um tema central para chegarmos à compreensão antropológica do pensamento orteguiano. A superação do homem da sua vida animal faz com que ele assuma uma série de afazeres não biológicos, e são esses afazeres que Ortega (1965) vai denominar de atos técnicos: ou seja, a reação do homem contra a natureza na tentativa de adequá-la ao que ele considera necessário à vida. O que vemos é a passagem do necessário para o supérfluo enquanto ação que não visa atender essencialmente às necessidades orgânicas. Assim, não podemos desconsiderar o mundo subjetivo do mundo objetivo; não podemos desconsiderar que a ação humana parte de um espaço reflexivo e planejado que o orienta a atuar contrário às determinações objetivas do mundo exterior.

A técnica resulta da capacidade humana de antecipar a ação pela reflexão, associando o agir a uma organização racional *pré-técnica* pela capacidade humana de criar outros mundos imaginariamente antes de atuar diretamente no mundo circunstancial. Ortega (1965) apresenta duas dimensões da vida, sendo que o viver corresponde ao estar em uma circunstância, e isso implica ter que resolver o caos que primariamente a circunstância lhe impõe.

Em *Meditación de la técnica* surge uma questão fundamental: o que é a técnica? Essa pergunta pede uma outra: por que o homem prefere viver a deixar de ser? Retomando um exemplo primitivo, Ortega (1965) afirma que o homem, ao deparar-se com o frio, tem a sensação de que pode morrer. Mas o que ocorre na história da humanidade é que o homem, mesmo não sendo provido de condições naturais para superar o frio, assim como outros imperativos da natureza que desafiam a sua sobrevivência, em vista de ensejar viver, busca meios para suprir suas necessidades fisiológicas. Suprir as necessidades primárias é, no entender de Ortega, uma justificativa do desejo humano de continuar existindo, pois o necessário para o homem é necessário para o seu viver.

Entra, então, um elemento fundamental para entender a concepção de técnica em Ortega: o esforço. Ao existir, o homem depara-se com uma realidade totalmente distinta do seu ser, carecendo agir sobre o meio para garantir a sua vida. Afigura-se o homem como sendo necessariamente técnico. A técnica representa para o homem

[...] la reforma de la naturaleza, de esa naturaleza que nos hace necesitados y menesterosos, reforma en sentido tal que las necesidades

quedan a ser posible, anuladas por dejar de ser problema su satisfacción (ORTEGA Y GASSET, 1965, p. 22).

Quando Ortega desenvolve o conceito de técnica, o aspecto da imaginação é central para compreendê-la enquanto *sobrenaturaleza*. A ação do homem sobre a natureza não é mecânica, mas algo pensado, imaginado. Antes de agir, o homem é capaz de criar imaginariamente novas realidades. Para o pensador hispânico, o homem não age aleatoriamente, mas dentro de um projeto que se tem, em vista de realizar o que pretende ser. Portanto, a técnica não é algo separado da vida, mas um elemento ativo, o que significa estar a serviço de um possível modelo de vida humana. Nesse sentido, a técnica se movimenta em dois polos: a natureza que está aí (*a quo*); e o programa de vida do homem (*a de quem*).

Entende-se, então, que a técnica, para Ortega, é característica da vida humana, sendo ela uma espécie de segunda natureza, em que o homem enfrenta as dificuldades impostas ao seu projeto de ser pelas circunstâncias naturais. Ele é técnico porque é capaz de imaginar um projeto de vida que ultrapassa os limites naturais. Definir o homem como técnico é defini-lo como ser ativo, capaz de produzir o seu viver, inventando a si mesmo a cada instante. Por isso, de acordo com Ortega (1965), o homem começa quando começa a técnica.

Forçosamente, ele inventou a técnica para garantir a sua sobrevivência, agindo sobre a natureza, transformando-a, adaptando-a a si, facilitando a sua presença no mundo através da criação de situações de *bem estar*. A técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, visto que é a adaptação do meio ao sujeito.

O afã de poupar o esforço, frente aos desafios impostos pela circunstância natural, faz da técnica uma forma de ser do homem no mundo, possibilitando-o ocupar-se de questões que não estão relacionadas diretamente às necessidades orgânicas. O que encontramos pela técnica é a produção de elementos que possibilitam o homem ocupar-se de questões que ultrapassam o biológico. Ortega (1965) infere dois traços fundamentais na técnica: de um lado, diminui, ao ponto de quase eliminar o esforço imposto pela circunstância, e, de outro, transforma a circunstância, determinando novas formas de estar no mundo.

Os atos técnicos, distintos dos naturais, que exigem um esforço imediato, são aqueles aos quais dedicamos o esforço primeiro para inventar e, logo em seguida, para executar um plano de atividade que nos permita:

1. Assegurar prontamente a satisfação das necessidades elementares;
2. Lograr essa satisfação com o mínimo de esforço;
3. Criar possibilidades completamente novas, produzindo objetos que não existem na natureza do homem.

Por meio dessa reflexão, entende-se que Ortega abre espaço para uma questão ontológica: a técnica possibilita ao homem criar condições que apontem para a constituição do seu ser. Com a criação do supérfluo, o humano ultrapassa o campo da sobrevivência, definindo-se enquanto ser distinto dos demais.

Existir passa a ser a descoberta de si, do que pretende fazer da própria vida em vista de realizar a pretensão de ser em uma determinada circunstância. Complementa Ortega (1965) que é precisamente essa vida inventada, como se

inventa uma novela ou uma obra teatral, que o homem chama de vida humana. Portanto, o ser enquanto ser em circunstância não é passivo, implica em estar sempre fazendo algo. Porém, o que tem que fazer não é imposto nem prefixado, mas elegido e de inteira responsabilidade de quem o faz. A técnica representa a não resignação do homem frente às dificuldades impostas pela circunstância. Cabe destacar que essas dificuldades surgem porque o mundo desafia a existência do homem.

Na tentativa de realizar o projeto pretendido, o homem depara-se com a dramaticidade da vida, a qual, na perspectiva orteguiana, é inevitável. Querendo ou não, estamos sempre nos chocando com as coisas e as pessoas que estão à nossa volta, tendo que responder aos desafios que esses choques nos ocasionam, através do conhecimento e do agir pessoal. Essa é a dinâmica da vida, que permite ao homem relacionar-se com seu meio e fazer história, pois viver significa ter que lidar com tudo que integra o mundo.

Em meio à ausência de uma determinação ontológica, o homem é capaz de pensar a vida em primeira pessoa. É ele mesmo, na sua interioridade, que se vê forçado a encontrar uma definição do seu existir. Por ter que escolher a sua maneira de ser no mundo, o homem é “[...] por fuerza libre, lo soy quiera no” (ORTEGA Y GASSET, 2008, p. 39), isto significa que o homem deve decidir o que será no mundo por sua conta e risco.

O conceito de liberdade, em Ortega, aponta para uma perspectiva criadora original da vida como parte da constituição humana. Reforça Ortega (1982, p. 27),

a nota mais trivial, porém, ao mesmo tempo a mais importante da vida humana, é que o homem não tem outro remédio senão fazer alguma coisa para manter-se na existência. A vida nos é dada, visto que nós não a damos a nós mesmos, senão que nos encontramos nela de uma hora para outra e sem saber como. Porém essa vida não nos é dada feita, cada um deve fazer a sua própria.

O estar no mundo resulta de uma escolha individual, certo de que a necessidade do viver não é imposta à força. Isso significa que, se permanecemos vivendo, é porque queremos viver. Segundo Ortega (1965), a vida só é necessária no sentido subjetivo, enquanto escolha deliberada do homem. Ele se governa mediante outras faculdades, como a reflexão e a vontade que imperam sobre os instintos. Portanto, o viver é a necessidade originária da qual todas as outras derivam. O que Ortega sustenta em seu pensamento antropológico é que a vida não aparece ao homem como um dado da natureza, mas como uma possibilidade. Vida, portanto, não é uma fatalidade, mas uma opção livre que cada indivíduo faz. Como diz Ortega (1982, p. 26),

A vida é uma ocupação, e o mais grave dessas ocupações que constituem a vida não é que seja preciso realizá-las, mas, de uma certa forma o contrário – quero dizer que nos encontramos sempre obrigados a fazer alguma coisa, mas nunca nos encontramos estritamente forçados a fazer algo determinado, que não nos é imposta esta ou aquela tarefa, como lhe é imposta ao astro a sua trajetória, ou à pedra sua gravitação.

Existir, portanto, significa assumir a vida enquanto tarefa que implica uma escolha. A primeira é a escolha pela própria vida, atuando contra as reações circunstanciais que ameaçam a sobrevivência, mas a vida para o humano

não se restringe a tal finalidade. O agir leva o homem a viver além das necessidades, isso porque

essa vida que nos é dada, nos é dada vazia e o homem tem que ir preenchendo-a, ocupando-a. São isso nossas ocupações. Isto não acontece com a pedra, a planta, o animal. A eles é dado seu ser prefixado e pronto. Mas ao homem é dada a necessidade de ter que estar fazendo sempre algo, sob pena de sucumbir, mas não lhe é, de antemão e de uma vez para sempre, presente o que tem que fazer (ORTEGA Y GASSET, 1969, p. 102).

É neste sentido que Ortega vai definir a vida humana como biográfica. Ao pensarmos a vida biograficamente, estamos pensando no que o homem faz de si mesmo ao longo da sua história de vida, por ser a vida um acontecimento que acompanha toda a trajetória individual e que se define através de escolhas que resultam do protagonismo do próprio homem ao ter que atuar para permanecer vivendo. É assim que a antropologia orteguiana se sustenta na ideia de vida como tarefa que pressupõe uma ontologia do sendo. O ser será sempre uma possibilidade dinâmica que integra tudo que compõe a vida do indivíduo e que pressupõe uma vontade frente ao querer viver e seguir agindo no mundo.

4 Consideração finais

A literatura antropológica orteguiana nos aponta para uma reflexão sobre a vida que pressupõe uma visão integrativa de tudo que toca a individualidade. Ao mesmo tempo em que Ortega defende a vida como um acontecimento

único, pessoal, intransferível e de responsabilidade pessoal, a compreensão se amplia quando a marca do viver requer uma atuação que não acontece somente na esfera pessoal. O estar em circunstância, e isso é uma condição, implica que a vida seja pensada dentro de um universo objetivo e subjetivo, pessoal e coletivo, natural e cultural, e o movimento de pensar a si mesmo, de projetar-se no mundo, de realizar escolhas dentro de um universo de possibilidades e de atuar frente aos desafios da vida faz com que pensemos a vida como um lugar biográfico de conflito e superação, e que o processo de compreensão pressupõe o reconhecimento das limitações biológicas e biográficas de cada indivíduo.

Referências

COSTA, E. F. da. *A noção de circunstância no raciovitalismo de Ortega y Gasset*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditación de la técnica*. Espase-Calpe: Madrid, 1965.

ORTEGA Y GASSET, J. *História como sistema; Mirabeau ou o Político*. Tradução Juan A. Gili Sobrinho e Elizabeth Hanna Côrtes Costa. Brasília: UnB, 1982.

ORTEGA Y GASSET, J. *Historia como sistema y otros ensayos de filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 2008.

ORTEGA Y GASSET, J. *En torno a Galileo*. Madrid: Revista de Occidente, 2008.

ORTEGA Y GASSET, J. *El hombre y la gente*. Madrid: Revista de Occidente, 2010.



Esta obra está licenciada sob a licença [Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).